

Diffusão do bem estar

AS FESTAS E OS POBRES.

Quando a imprensa com suas mil e mil vozes annunciou que o governo federal resolvera despendar duzentos contos nas festas de hospedagem ao presidente então eleito da Argentina, sr. Roque Saenz Peña, revoltaram-se de inveja e de despeito os numerosos descontentes de sua sorte que só percebem a era de felicidade onde se possa festejar a vida em opiparos banquetes, com espectáculos curiosos, com revistas do exercito em parada, com dramas emocionantes em theatros luxuosos, com esplendidas corridas de cavallos, com ruidosas caçadas nos bosques amenos e sombrios.

Quereriam ser elles os perpetuos convidados do banquete succulento, do regabofe buliçoso, da orgia mundana em que plenamente pudessem satisfazer os seus appetites?

Outros censores mais ajuizados, imparciaes e modestos pensam que o governo superior e quantos se vêm no compromisso de festejar alguma personagem, representando uma collectividade politico-territorial, como sejam o Estado e o Municipio, costumam ser generosos demais á custa dos cofres publicos, despendendo os suores do povo em alegres festanças de que pouca ou nenhuma utilidade ha de resultar. E' esta uma praga dos tempos, espalhada por todos os paizes em que se adoptou o systema representativo funcionando por meio de eleições nullas, duvidosas ou muito avariadas, conforme resulta dos processos sobre sua legitimidade. Quando, postas ao ar livre vêm-se scintillar em fulgores amarellos e brancos

as pilhas do metal amoedado, movidos uns da misericordia, lastimam como a Irmã da Caridade, o destino luxuoso que se dá ordinariamente a esses nucleos de riqueza amontoada, indo locupletar umas poucas pessoas já abastadas por outros titulos e não se repartindo com os filhos do povo, ou como esmola aos asylos e ás familias pobres, ou como auxilio aos que accidentalmente se acham luctando na miseria, ou como salario honroso aos recrutados do trabalho. Outros, como Judas, com intenções avessas, chamam ás portas do rico e estertoram de furor ambicioso ante o palacio dos governos para que não sejam prodigos com o proximo, mas na realidade para serem elles os substitutos na herança, na doação ou nos contractos vantajosos e leoninos que com pouco trabalho e sem grave compromisso lhes proporcionem colossaes rendimentos.

E é esta uma das causas ou factores historicos porque tanto nas monarchias absolutas ou representativas, como nas republicas burguezas ou aristocraticas, se encontra a fortuna ou bem estar em poucas familias ou em individuos audazes e emprehedores, em contraste com a plebe immensa dos ilotas miserrimos e dos proletarios sem pão, sendo victimas do egoismo dos magnates endinherados e da exploração cruel do usurario sem consciencia, do industrial sem entranhas e do negociante especulador.

Em nossos dias, porém, ha um novo inimigo dos governos e do pobre, o mais

fingido, o mais hypocrita e taful: o agitador das greves, o bandeirante do socialismo que embauca o operario com promessas de uma era mais feliz; derramando torrentes de fel contra o patrono e lançando-o como pedra inconsciente á derrubada da ordem social, creando nelle o odio contra a autoridade, o furor contra o sacerdocio, a indiferença com a familia e um egoismo feroz, muito mais prejudicial que a sordida avareza do burguez opulento que encerrado em sua casa e sem offensa positiva nem rancores contra a sociedade, retem seus thesouros sem querer communicar-os a seus semelhantes. Esse agitador do povo ignorante promove a fundação de syndicatos operarios, crea entre elles as caixas de resistencia, organisa as cobranças, exige com todo rigor as quotas do operario, ameaçando-o de expulsão d'essas sociedades organizadas para a revolta, e como enorme sanguessuga ou como polvo de centuplos tentaculos, chupa o sangue do infeliz proletario, aperta-o entre os seus artelhos, e apparecendo como redemptor da plebe, lança-lhe a miseria de alguns centimos, em lugar dos mundos e fundos que, como paraíso anticipado, promettera entregar aos que seguissem os seus conselhos de rebeldia e as suas exhortações á folga revolucionaria.

*
**

Os amigos verdadeiros do povo humilde que geme sob o peso do trabalho sem achar a remuneração sufficiente, ou que opprimido pela doença e desesperado pela falta de recursos se vê obrigado a supportar a miseria da inacção forçada, os que de veras o estimam pela sua dignidade sobre os demais seres do Universo e pela filiação divina a que todos são chamados e recebidos quando flue sobre elles a agua do baptismo, lamentam sinceramente a frieza dos poderosos e a indiferença dos governantes com a massa popular que os elevou sobre o pavez com seus votos, e da qual se proclamam os mais ardentes defensores.

Faz-se, pois, uma festa grandiosa, ha na mesa muitos talheres: entre os convivas gulosos se repartem iguarias; licores appetitosos e confortantes animam a conversação: erguem-se brindes ao festejado, aos amphitryões, á nação cada dia mais prospera, ao paiz que se promete melhorar, ao povo que na rua está farejando os suggestivos odores que mais lhe excitam o appetite e mais lhe irritam a fome. Não haverá para elle algumas migalhas? Não ficará algum remanescente para silenciar os rumores de inveja e abafar os rancores do despeito?

Sonham alguns em dar ao povo com ares de fidalga generosidade os restos e lambngens da lauta mesa que elle pagou a custa dos seus suores, pagando os pesadissimos impostos, das magras terras, da habitação desmantelada... ou dando as joias das associações com que se festejam as directorias, ou trabalhando por mesquinhos salarios aos patrões que se banqueteam. Mais isto por si mesmo se condemna. Os pobres que sintam em si um pouco de dignidade, não de repellir uma offerta afrontosa. Porque si um povo, depois que o chamam a bocca cheia de *soberrano*, depois que o thuribularam com os epithetos mais pomposos e ainda para confirmal-o na auto-sugestão da grandeza, lhe déram o direito do voto, si depois que mãos peccadoras por uma constituição de direitos phantasticos e com solemnidades aparatosas lhe passaram ás mãos o sceptro irrisorio da Majestade, fazendo-lhe vêr que era igual aos imperadores e que não é menos que o Presidente, pode-se esperar que esse povo em occasião solemne e quando não se achar desesperado pela fome, acceite uma esmola, uma migalha, siquer, dos agitadores das ruas e dos politicos de profissão?

Pensam outros que seria bem lhes dar o saldo remanescente das festas, querendo assim justificar as comezainas e diversões com que regalam sua humanidade a custa do contribuinte. Mas dar o dinheiro a gente desconhecida que anda desoccupada e vagabunda pelos bairros e ruellas, a escutar e applaudir qualquer charlatão, não é caridade, nem esmola, nem altruismo; é como lançar o dinheiro no profundo do mar; posto que si os *illustrados* e *dirigentes* do povo vão por deante, com o exemplo epidemico das folias e regabofes, que fará a plebe ignorante e menos reflexiva para não seguir as paixões do momento? A multidão quer tambem gozar e divertir-se: sente mais que os ricos a necessidade e os impulsos da gula: tem a garganta mais livre e o paladar menos enjoado com a diversidade das iguarias. As muitas penalidades que o trabalho e a fome impõe a seu corpo opprimido, exigem uma compensação de regalos e passatempos. O pobre vendo na mão uns cobses que no momento dado nada lhe custaram, despende-os com facilidade e sem escrupulo não já para satisfazer a fome e vestir seus filhos nos dias de escassez, mas para dar a seu corpo os gostos ignobeis da gula e esparecer o espirito em qualquer inutil passatempo ou perigosa diversão.

LUIZ SALAMERO BUEBBA.

Misericórdia de Maria para com os peccadores.

O reino da Misericórdia, de pouco ou nada serviria se não houvesse tantos infelizes a socorrer e dôres a aliviar, porque d'ella são os desgraçados, seus subditos. A gloria de Maria é vastíssima e suas graças se estendem por toda a terra tão cheia de miserias e soffrimentos; d'estes, porém, é o peccado o maior infortunio da humanidade. Sobre os peccadores, mais do que sobre nenhum outro, exerce Maria sua misericórdia, imperando no meio d'elles como a consoladora magna dos afflictos. São elles os vassallos que mais de perto lhe merecem attenção e aos quaes offerece toda a ternura e bondade de seu coração, esmerando-se com desvelado carinho e solícitude afim de arrancar os de suas culpas abominaveis e tornar os ditos e felizes. Formam elles as mais preciosas joias de sua corôa real, como disse o Espírito Santo, seu Esposo: "Veni de Libano, veni, coronaberis... de cubilibus leonum de montibus pardorum" (Cant. IV). Mas, si assim é, como engrinaldar-lhe a divina fronte com uma lauréola tão monstruosa e horrivel em que só se vêm leões, leopardos, tigres e outras feras? Sim, estes portentos transformados em custosas gemas, são os peccadores que, convertidos por Maria, abrilhantam agora em resplendorosissimas luzes a sua corôa no céu. Elles que antes afeiavam o círculo luminoso de suas graças, ostentam-se agora purificados e rutilantes.

Conta-se que Santa Gertrudes viu n'um dia em goso de extasis a imagem da Virgem com o seu manto aberto, embaixo do qual se asylavam muitas e feias feras, com as quaes, repartia Maria caricias e as contemplava com um olhar mixto de ternura e bondade. E como a Santa se admirasse do que via, lhe foi dado a entender que

aquellas feras eram os peccadores mais obstinados e perversos, a quem Maria protegia, chamando os miraculosamente para o caminho da salvação.

Vejamos agora como exerce Maria para com elles os actos mais efficaces e ternos de sua enegualavel compaixão e misericórdia. Antes que tudo, se compadece d'elles em extremo, como uma Mãe amantíssima que vê seu filho chagado e leproso e ante os seus horrendos peccados se afflige e padece por vel-os assim em tal estado de cegueira no mundo; e tão afastados se mostram elles de seu reino que as lagrimas crystalisam se-lhe pelas faces em angustiosas afflicções, transfigurando-lhe a physionomia serena em espelhantes visagens.

Maria soffre ao vêr que milhares de seus filhos se atiram soffregos pelo caminho do mal, cavando a sua propria ruína, até encontrar a perdição na voragem das penas eternas. Contempla e considera, que obra tão admiravel de perfeição não sahiu das mãos do Senhor; e quantas penas e dôres tem custado á seu Divino Filho! Queremos accaso que Ella não chore e se afflija ao vêr os peccadores em tão deploravel estado, em perigo imminente de eternas ruínas?


Muitissimas vezes tem dado Maria significativas provas de seu amor e compaixão para com os peccadores. Assim é, que de d'uma feita um jovem, devoto fervoroso de uma sua imagem dolorosa que tinha por costume visital-a todos os dias, contemplou estupefacto o coração da Virgem das Dôres, trespassado por mais uma espada lancinante e uma voz que dizia-lhe: "a oitava lamina que vês, é uma nova chaga aberta á noite com um grave peccado". Tambem certa mulher que se obstina-

va em não querer confessar, encaminhando se, pois, para a perdição, lhe foi dado observar um dia a imagem da Virgem que chorava amargamente; enternecida com aquellas lagrimas mysteriosas, supplicou á Santa dissesse qual a razão d'ellas, e teve então esta resposta: "Choro, pela enorme compaixão que me causas ao vêr que tua alma se perde pela pertinácia em que te mostras". Compungida com taes palavras, pediu logo perdão á Santissima Virgem, e foise confessar contritamente.

María, com sua misericórdia, sustém o braço de seu Divino Filho que quer descarregar o açoite de sua justiça contra as iniquidades dos homens e lançal-os no fogo eterno. Miseraveis peccadores! De um lado tendes a morte prompta a ceifar vos ao primeiro chamado de Deus; do outro o demonio que espera impaciente a occasião para confundir-vos nos eternos supplicios; debaixo de vossos pés abre o inferno a sua immensa garganta prompta a tragar-vos, e dentro de vossos peitos o peccado grita vingança; ao vosso redor estão a peste, a fome, a guerra e os cataclysmos que como instrumentos de justiça Divina se acham de atalaia para, á primeira ordem, executar-vos. E no meio de tantos e tantos perigos, quem vos mostrará o caminho que deveis trilhar para conseguirdes fugir á cólera do Altíssimo? A' María sómente deveis recorrer em tão angustiados transes, porque Ella é a esperança unica dos peccadores e a cidade do refugio.

"Fugite, o Adam, o Eva; fugite eorum liberi, intra sinum Matris Mariæ, ipsa est civitas refugii, spes unica peccatorum" (Bento Fernandes in c. 3. Gen. IV).

ROBERTO DE MONTE CORONA.

 Vende-se uma machina de cortar papel de 71 cent. de largura, quasi nova, pelo preço de 750\$000. Outrosim um prélo de 25 por 35 movido a pedal, por 650\$
Informações nesta Administração.

O QUE ME DIZ O SENHOR

DO OUTRO MUNDO?

— Que é o homem?

— E' o rei da criação, a creatura mais nobre da terra, um mundo em compendio, uma abreviatura de todas as grandezas que admiramos nos outros sêres todos.

D'isso estamos certos: nol-o ensina a philosophia, e o sentimento de nossa propria dignidade.

Contemplo os mais estupendos panoramas illuminados por torrentes de luz durante o dia, ou rodeado de mysteriosas sombras pela noite além, e exclamo:

«Sou mais que vós, porque estais sujeitos a meu dominio e governo.»

Visito os grandes monumentos, pasmo dos seculos e gloria das artes, por exemplo, as Pyramides, o Parthenon, o Louvre, o Escorial, e não me sinto humilhado, antes digo:

«Sou mais que vós, porque afinal sois obra de minhas mãos.»

Leio as grandes obras do engenho humano: a Iliada, a Eneida, o poema do Tasso, as paginas admiraveis do padre Antonio Vieira, ou de Chateaubriand, fécho o livro e declaro:

«Sois sublime, mas maior é o homem, porque sois producto d'elle.»

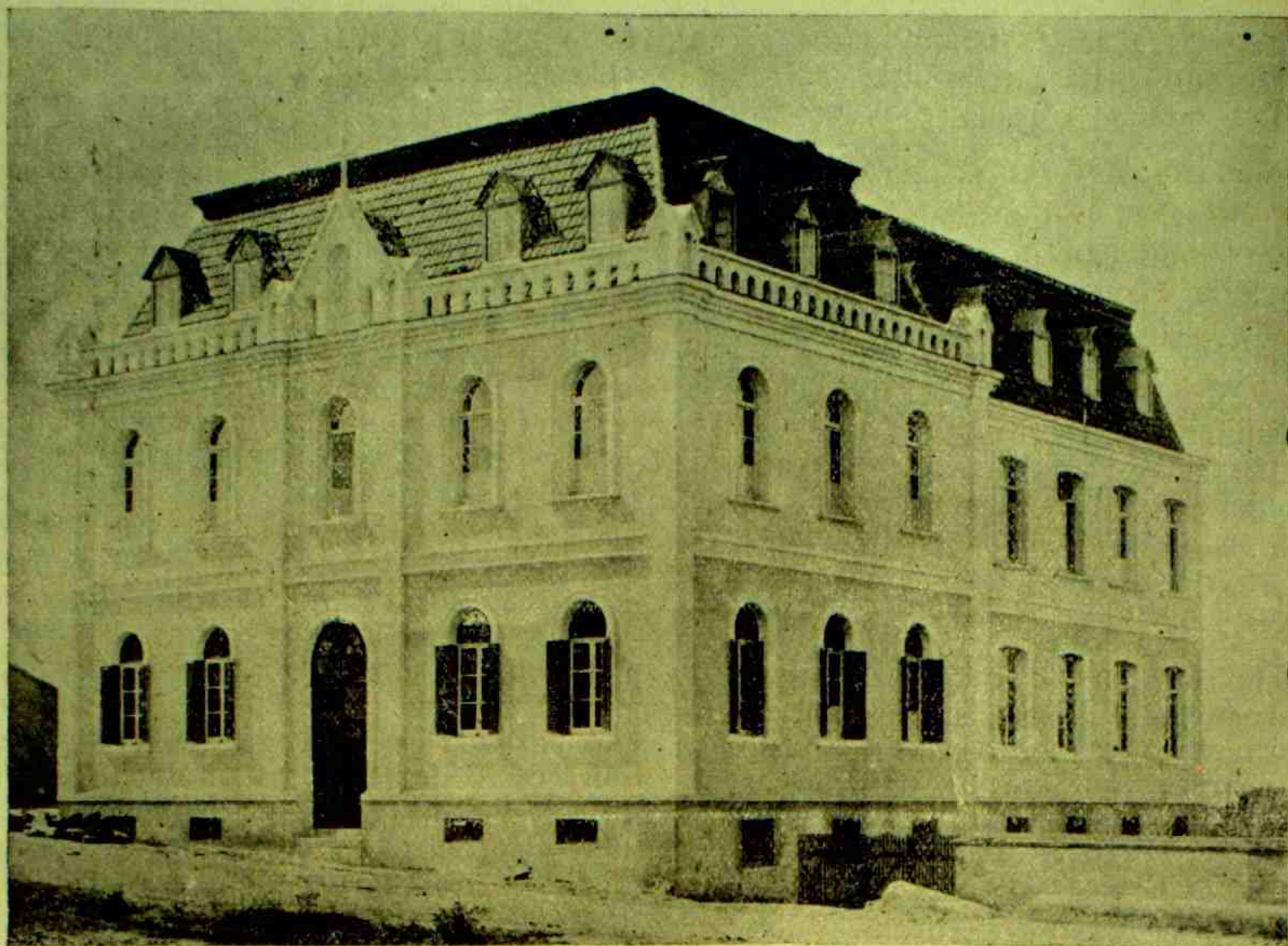
E assim discorrendo pelas grandezas, na arte, na industria, na sciencia, na historia, sempre me encontro acima de tudo.

Ora, isso que me ensina a philosophia e a minha propria consciencia, seria uma grosseira e miseravel mentira, se o homem acabasse sua existencia na sepultura. Se o homem só tivesse esses 50 ou 80 annos, que commumente vive sobre a terra, não seria o rei da criação, não seria o senhor da natureza, da arte e da historia. Seria o sêr mais vil e baixo da terra, um vil paria, e todos os animaes poderiam mofar-se de nós.

E assim, o que disse um poeta hespanhol, que eu traduzo para a nossa lingua:

O' verme, tu que sujo e asqueroso
Só tremes pela terra e nada mais:
Quem diria que, faminto e ardoroso,
meu corpo roerás!

Esta fronte que tanto tem pensado,
Este peito que abriga tanto amor,
Formarão teu banquete delicado,
ó verme roedor!



COLLEGIO SANT'ANNA. — INTERNATO E EXTERNATO.

dirigido pelas religiosas chamadas "Servas do Espirito Santo. PONTA GROSSA (Paraná)

Este estabelecimento, situado em uma das partes mais salubres de Ponta Grossa, consta de uma serie de vastas salas, perfeitamente arejadas, adaptadas a todas as necessidades e conveniencias de um collegio, o que pôde garantir aos paes de familia a par de uma educação solida e esmerada — tudo quanto é mister para o bem-estar physico de suas filhas.

O seu programma tem por fim dar ás alumnas uma educação catholica, baseada sobre as virtudes christãs e uma instrucção completa, abrangendo todas as materias dos cursos primario e secundario, bem como todos os trabalhos proprios de uma senhora.

Ha dois cursos divididos em seis classes. O curso primario liga a maior importancia em proporcionar ás alumnas conhecimentos solidos e completos nas materias primarias, a saber: Religião, Portuguez, Arithmetica, Leitura, Caligraphia, Geographia, Historia do Brasil, Trabalhos manuaes e rudimentos de Francez.

O curso secundario abrange: Religião, Linguas portugueza, franceza e alleuã, Arithmetica, Geometria, Algebra, Geographia, Historia universal e natural, Physica, Desenho e todas as especies de trabalhos manuaes.

Duas vezes por semana ha cursos especiaes de Desenho, Pintura, Trabalhos e Musica.

O Collegio aceita alumnas internas e externas, bem como alumnos externos até a idade 10 annos.

Esse tal poeta teria falado muito bem, se o homem, com toda sua sabedoria, e sua espantosa somma de affectos e aspirações, não fosse mais que um pedaço de carne pôdre que se joga na sepultura para ser devorado pelos vermes, sem outra esperança senão a infecção da cóva.

O verme que rói seus membros putrefactos e o mesmo arbusto que cresce viçoso, auxiliado pelo corpo que lhe serve de adubo, apesar de nunca terem pensado e amado, como o homem, lhe seriam superiores, se não houvesse em nós a alma immortal.

Muitas vezes tenho meditado sobre este ponto e achei n'isso uma prova decisiva da

immortalidade de minh'alma, além de outras mais decisivas que a fê me concedeu. Visitei antigos monumentos, perto dos quaes passaram muitas gerações de homens e passarão muitas outras ainda.

E eu disse, a mim mesmo: «Como? esses rochedos informes ou esculpturados, estão aqui, ha seiscentos ou oitocentos annos, e eu estou ainda não ha bem quarenta annos!

Dentro de outros quarenta annos, no maximo, terei terminado minha existencia, e esses rochedos continuarão firmes e impavidos, desafiando sempre a admiração dos seculos! Se a minha vida só se limita á

d'esta curta existencia terrena, esses [rochedos são superiores á mim !

E a mesma consideração me inspira uma arvore, duas ou tres vezes secular, uma lembrança historica qualquer; as montanhas que fecham, ha tantos seculos, com a mesmissima configuração, o horizonte da minha patria, e que continuarão com os mesmos delineamentos, por muitos seculos ainda, quando o meu corpo já estiver com os outros corpos, misturado debaixo da terra, no cemiterio de minha aldeia.

Para mal de meus peccados, como diz o vulgo, sei o que valho, sei o que sou, sinto em mim ancias ineffaveis de viver sempre; por isso procuro deixar em toda parte a sóla de meus pés e o signal de minhas mãos, afim de lograr para meu nome, essa perpetuidade que é o meu ideal constante... e no entretanto.... nada sou eu, em comparação d'esta pedra bruta que já assistiu ao perpassar de vinte seculos, ou d'esta arvore centenaria, que dará sua sombra ainda a muitas gerações, ou aquellas paginas inspiradas, que tantas lagrimas tem arrancado a milhões de leitores !

Se a minha unica herança é esta vidazinha passageira da terra, então teria sido melhor para mim, nunca ter vindo a este mundo.

Mas eu sou mais que tudo isso; tenho certeza que na verdade sou o rei da criação, trago meus titulos credenciaes na minha frente pensadora e a crença gravada indelevelmente no fundo de meu coração. Logo, embora se decomponha meu corpo, o meu espirito subsiste, porque é immortal. Não sei, ó meu caro leitor, se já fizeste esta especie de reflexão.

F. S.

O clero catholico perante os tribunaes e a imprensa

M. Lachand não quiz contentar-se com esta primeira victoria. No seu brilhante discurso de defesa elle provou á evidencia, que o accusado tinha sido victima de uma infame e infernal conspiração, cuja trama desenrolou, e em nome da honra, em nome da humanidade, reclamou contra as testemunhas falsas e os vis accusadores, todo o rigor das leis. Desgraçadamente, apesar das mais vivas instancias do eloquente advogado, por motivos que não fizeram conhecidos e que nós ignoramos, o tribunal entendeu não dever proceder contra os autores da conspiração. Mas, em nome da Côrte, o presidente do Tribunal, M. Bernard, foi o primeiro a

pedir ao jury que solemnemente affirmasse pelo seu veridictum a completa innocencia do accusado. O veridictum de não culpabilidade foi pronunciado por unanimidade de votos, e o pobre cura, depois de ter tragado durante quatro annos torturas moraes sem nome, foi restituído á liberdade, sexta-feira, 4 de Maio de 1879. Observemos ainda que, durante quatro annos, a imprensa impia, belga e franceza, tinha apedrejado o pretendido monstro e assignalado o abbade Vincent ao odio e ao desprezo publico n'uma lista de padres, que ella declarava infames.

E no emtanto, depois da liberdade do indiciado, por toda reparação de honra, ella contentou-se em largar sua presa e de silenciar ao menos por algum tempo. Os menos deshonestos dos escrevinhadores da má imprensa, impellidos talvez pelo temor de um processo por diffamação, acabaram fazendo uma especie de retractação. Em qualquer canto de seu jornal, no meio dos factos diversos insignificantes, annnnciaram que um certo abbade Vincent tinha obtido uma sentença absolutoria por um tribunal de Pariz. Tiveram ao menos a lealdade de confessar que este abbade, restituído á liberdade, era precisamente aquelle que seu proprio jornal tinha vilipendiado durante quatro annos e tinha qualificado de corruptor, de scelerado, de monstro? Absolutamente não. Um abbade Vincent tinha sido absolvido e apenas isto. Eis os homens que todos os dias accusam os padres de serem Tartufos !...

* *

Limitamo-nos até aqui a estudar nella mesma a grande estatistica, publicada pelo governo da republica franceza. E este exame levou-nos a uma constatação dupla.

Em primeiro logar, sobre todo o territorio da França, de 1850 a 1871, entre todas as classes da sociedade leiga, é a dos notarios que leva a todas vantagens por sua probidade e moralidade. Foi ella que soffreu o menor numero de condemnações. Ora, esta classe de notarios, tão superior á todas as outras classes da sociedade leiga, soffreu comtudo 58 vezes mais *condemnações* do que *accusações* fôram contra o clero levantadas. Logo, admittindo mesmo que todas as accusações contra o clero tenham sido verdadeiramente sérias e mesmo acompanhadas de justas condemnações, o que muito longe está de ser verdadeiro, forçoso ainda é concluir, que a moralidade do clero é incomparavelmente superior á dos notarios.

E' a segunda constatação que nos propuzemos apresentar.

Abençoada paz

"Deus fala quando a turba está quieta"
 "A's campinas em flôr".

Castro Alves

Vem rompendo a manhã... O meigo e terno Sól
 A' pouco e pouco estende, no magico arrebol,
 Sua luz fecundante.
 Sobre valles e campos e o vasto mattagal,
 Cheio de viço e força, unido ao cafetal,
 Enorme, verdejante.

Tudo alli na collina que além, além se perde,
 Canta, naquella doce immensidade verde
 Um hymno de esperança.
 As colonias despertam. As aves esvoaçam
 E nos invios caminhos alegremente passam
 Vozes de confiança

Na vida, no trabalho, na paz e liberdade.
 Parece que se bebe dos campos na humidade
 Haustos de vida e luz.
 E a flôr que desabrocha, o moinho que geme.
 Tudo que vive e sente, que palpita e que treme
 Arrebata e seduz.

Junto aos filhos da Italia trabalha o japonéz,
 O russo tem por guia um velho genovez,
 Ha annos, na fazenda,
 E o africano conta aos filhos do Oriente
 Proezas do seu tempo, valor de sua gente,
 A' hora da merenda.

E juntam-se fraternos nos campos brazileiros
 Os fortes e briosos crusados estrangeiros
 Do trabalho e da paz,
 Ouvindo da união a voz harmoniosa
 A' sombra hospitaleira, e doce e carinhosa
 Dos vastos cafesaes.

Muge o gado no pasto. A criança gentil,
 Filha robusta e forte das sélvas do Brasil,
 Ergue cheia de fé,
 Um hymno á liberdade, á honra e ao futuro
 Da matta colossal em meio ao seio escuro
 De «Oleos» e de «Ipé».

E cobre-se de fructo o verde cafetal,
 De espigas está cheio o vasto milharal:
 O feijoal floresce.

A paz em tudo canta. O ribeirão serpeia,
 Nos campos em redor o poldro corcoveia,
 E tudo vive e cresce.

E emquanto que no campo o bem se manifesta,
 E ha doces harmonias no seio da floresta
 Da minh'amada terra,
 No mar o crime torvo, a negra trahição
 Da patria estremecida no nobre coração
 O vil punhal enterra.

E' que na natureza amiga do Brasil
 Não pode vicejar o crime torpe e vil,
 Hoje conquistador,
 Porque á luz do sól, meiga e dileta
 "Deus, fala quando a turba está quieta"
 "A's campinas em flôr"

São Paulo. Dezembro de 1910.

DINAMERICO RANGEL.

A Irmã da Caridade

Apologia escripta por um furioso anticlerical

Eu sou inimigo declarado de todas as instituições religiosas; encerrar-se entre quatro paredes para viver a vida egoistica da contemplação e do isolamento, tem-me parecido sempre digno de estigma e de censura; porém em minhas hostilidades faço uma excepção para as religiosas mendicantes e para as Irmãs de Caridade: pelo habito que vestem? Não; pelos officios que desempenham: socorrer ao mendigo e aliviar o enfermo são actos que, não importa quem os realize, merecem o applauso de todo o mundo.

De uma religiosa mendicante tratava-se então; pertencia a essas congregações que imploram a caridade publica em beneficio dos pobres desvalidos, e em tal faina se empregava, quando eu cheguei a vel-a e a sentir-me attrahido pela expressão humilde e resignada do seu rosto.. . . .

Emquanto eu olhava-a, ella deteve-se juncto ao posto de um açougueiro, homem robusto, de physionomia pletorica, de larga frente e hombros herculeos, o qual, com o vellosa peito descoberto pela abertura do desabotoada camisa, arregaçados os braços, e empunhando um enorme facão, esquartejava uma vacca, deitando sobre o mostrador pedaços de carne ensanguentada e fresca.

A freira, mettendo-se por entre os freguezes, encara o açougueiro e disse-lhe com tom humilde e voz carinhosa:

— Não ha nada para os pobres?

O açougueiro alçou a vista, fitou na religiosa de cima abaixo e, encolhendo os robustos hombros, proseguiu na tarefa sem responder uma palavra.

— Não ha nada para os pobres, meu amigo? - repetiu a freira, adeantando um passo.

— Para os pobres! accrescentou o açougueiro sem abandonar seu posto e apoiando-se brutalmente sobre o facão. Para os pobres! Para vós — outras, quererá dizer, bruxa!

Cuidavas que não vos conhecemos aqui e que ides enganar-nos como tolos? Ora, que têm graça estes demonios de mulheres!

Para os pobres! Para agradar-vos; isto é que vós fareis, e aos pobres que os parta um raio. Digo que não ha nada; ide illudir infelizes a outra parte, que aqui vós desmascararam. E vejam lá - disse, voltando-se

para a gente que rodeava o posto: vejam como é feio o chupacirios; parece uma barata sem patas!

A gente soltou uma risada de caçoada e a religiosa impassível, tranquilla como si não tivesse escutado a affronta, repetiu de novo com voz serena:

— Por caridade, senhores!

— Mas ainda você está ahí? — gritou o açougueiro — Não lhe teho dito que se vá? Eia, fóra daqui.

A mendicante continuou *em* seu lugar, contemplando o homem que a insultara; e este, enfurecido por aquella muda opposição, exclamou adiantando-se para o mostrador:

— Fóra d'ahi, feia, sugalampadas, beata, velha, pedigonha...

A freira recebeu aquella torrente de injurias com os olhos baixos e o rubor nas faces; e quando seu detractor pôz termo, por falta de folego, a tão grosseiro vocabulário, lhe disse com voz doce, fitando nelle suas pupillas, prenhes de compaixão e ternura:

— Bom, tudo isto é para mim; e para os pobres que me dá v. m.?

O açougueiro pôz-se livido, recuou dois passos, vacillou sobre seus pés, como si houvesse recebido uma pancada na cabeça, e pegando um pedaço de carne, o maior, o mais são, o mais suculento, lh'o atirou á freira, e murmurou, emtanto que lhe virava os hombros com vergonhosa incivilidade.

— Fóra e até amanhã.

JOAQUIM DICENTA

Como se vence!!

Passada a tormenta que, não ha muito, ameaçava, furiosa, destruir o organismo social catholico; socegados os espiritos, vendo, calados, momentaneamente as provocadores que excitaram os justos protestos de todos os homens sérios, uma reflexão capital nos permittimos expôr aos catholicos nossos patricios.

A dois pontos concretos nos vamos referir. Ambos tiveram a mesma origem, e quasi identicos fôram os resultados,

Na catholica Hespanha, um governo filiado á maçonaria internacional, intenta, por meio dum projecto de lei, cohibir o desenvolvimento natural das congregações religiosas; mas o povo, em sua maioria verdadeiramente catholico, levanta-se em formidavel protesto, obrigando o governo a reconsiderar o seu acto, e a entrar em tran-

sacções com os membros do parlamento, permittindo alterações no projecto apresentado, de maneira a tornal-o admissivel para todos, e assim poder ser approvado

No Brazil, por imposição originaria do mesmo organismo aviltante e corruptor, se determina, que os religiosos indignamente maltratados e expulsos de Portugal por um governo liberalescamente despotico e arbitrario, não desembarquem no paiz; e o



Nossa Senhora dos navegantes.

povo catholico, com os seus bispos á frente, protesta unanime, contra esse acto dictatorial, prepotente e injusto sob todos os pontos de vista do governo da Republica, dando em resultado, a moção votada pelo congresso nacional, desapprovando a determinação do governo, e o *habeas corpus* concedido pelo supremo tribunal em desagravo do desrespeito á lei feito pelo poder executivo.

Em ambos casos o povo catholico tem conseguido um triumpho positivo, se não permanente, pelo menos momentaneo.

Mas, cabe perguntar:

— Porque esse triumpho não se torna permanente e decisivo? — Se os catholicos



1.ª Comunhão realizada na Igreja dos Navegantes, em Porto Alegre, no dia 30 de Outubro de 1910

Ao centro vêm-se o Exmo. Sr. Vigário Geral da Diocese, Monsenhor O. Albuquerque e o Revmo Vigário dos Navegantes, Pe. Felipe Diel. Acham-se aos lados, os distintos srs. Homero Cruz e Antonio.

tem força e espontaneamente se impõem contrariando e até multiplicando os actos de prepotencia dos que dispõem de todos os meios para dominar—porque essa força não ha de ser constantemente applicada na defeza da nossa religião e no respeito aos nossos proprios direitos?

—Como se consente que uma seita perniciosa, solapando os alicerces da sociedade formada ao amparo da cruz, domine, impondo nos sua vontade soberana, menos prezando os nossos sentimentos e calcando os nossos direitos aos seus pés?

—E' que dormimos confiados na placidez serena do mar; e só quando as ondas tumultuosas das paixões mudanas ameaçam a nossa existencia, acordamos!

—E' que só nesse momento havemos de virar nossos olhos e exclamar:—Jesus! Jesus! salvae-nos?

Verdadeiramente, deviamos imitar em

alguma cousa os filhos das trévas.

Elles trabalham sem descanso para fazer derruir o edificio social christão, e nós só nos casos extremos acudimos para rechassar e para que de todo não o derrube.

Não nos parece ser esse o caminho que devemos seguir para obter resultados positivos e estaveis dos principios christãos.

A nosso ver, quanta maior fosse a paz que disfructassemos, maior deveria ser nosso empenho em nos approximar, organisar-nos, fundir-nos e, em unidade compacta e decisiva, dar combate ao nosso commum inimigo.

Se a isso nos dedicassemos com attenção e desinteresse, não olhando para nossa propria personalidade, que por mui valiosa que ella seja, pode significar bem pouco na causa que defendemos; se com humildade e coração singelo dedicassemos nossos esforços em pról da sociedade catholica

sem que fossem motivo para nos arredar d'ella, as mil futilidades de minima importancia que podem apparecer, não duvidamos que em breve melhorarião em situação todos os organismos sociaes catholicos.

A causa que defendemos, é santa, é

grande, e o exemplo para vencer já o vimos, sem que entre nós sobresahisse nenhum desses caudilhos que arrastam as multidões,—practicando só a humildade de nos mostrar filhos sinceros e obedientes da Igreja Catholica.

C. DA B. I.

DIARIO CATHOLICO

Brevemente os catholicos de S. Paulo e todo o publico sensato que se queira illustrar promptamente com a verdadeira informação sobre as noticias religiosas e sociaes, terão a seu dispôr uma folha diaria.

Com novos alentos e com solidos reforços, garantidores de maior estabilidade, assim o esperamos, sairá desta vez á luz o diario catholico: será modesta a sua apresentação e menor o seu formato que o dos grandes diarios da imprensa paulista e fluminense; mas nem por isso deixará de estar bem orientado na direcção intellectual com a bussola da fé, tendo sempre como ponto de mira, nos seus artigos e commentarios, as doutrinas certas e infalliveis da Igreja, «columna da verdade», e singrando inabalavel entre as nuvens da duvida philosophica e as tempestades das discussões sociologicas e politicas que tanto perturbam e escurecem o mundo moderno.

O diario catholico será o amigo das familias e o anjo tutelar das consciencias, preservando-as do contagio epidemico e fatal da actual imprensa diaria que com seus artigos, telegrammas, informações, commentarios e romances provoca a descrença nos dogmas sagrados, semeia a desconfiança nos ministros da Igreja, excita o odio contra o sacerdote, infiltra o veneno da libertinagem mais desenfreada e abre o caminho largo para todos os crimes, defendendo com desmarcada rabulice os criminosos, dando interesse ás aventuras dos malfetores e pintando sem rebuço as scenas immoraes, como as fitas cinematographicas de qualquer empreza desclassificada

Poucos dias ha, ouvimos dizer uma voz veneravel: «Que mãos não se enxovalham, tendo a lêr o Fanfulla!» Mas si essa folha de lingua estrangeira póde viver e vegetar entre nós, é porque se acha o meio favoravel: o barometro de nossa sociedade revela um estado propicio ao desenvolvimento e diffusão de seus miasmas deleterios.

Liberdade para o mal, complacencia

criminosa com os malfetores da imprensa, applausos que contribuem á campanha de odio e diffamação empreendida pelos inimigos do clero e deturpadores da moral, apoio frequente e efficaz aos ousados e malsinados jornalistas, industriaes do prelo, prestado pelos assignantes e compradores catholicos á imprensa diaria anticlerical e neutra (só de nome) e ás revistas illustradas com scenas insultuosas de caricatura e de inpudicicia!

As familias catholicas e todo homem que se respeita, deviam fechar a entrada e trancar resolutamente as portas a esse visitante intruso, teful e mexeriqueiro que é quasi todo diario que não se declare catholico. Desta vez, desde que apparece na arena da imprensa um diario garantido de sua crtholicidade, os fieis verdadeiros e que não sejam hypocritas, já não têm excusa, assignando por mero prazer e passatempo e sem grave motivo, os diarios anticlericaes ou simplesmente neutros e afiliados ao liberalismo.

A *Gazeta do Povo* que por todo este anno tão bem se desempenhou de seu emprehendimento na defeza da verdade, na rectificação dos erros e calumnias propaladas pela imprensa sectaria, e na illustração criteriosa de muitos assumptos discutidos entre catholicos e liberaes,—passará, de semanal a diaria, desde os primeiros dias do proximo anno de 1911.

Falamos desde estas columnas aos distinctos cidadãos que são os benevolos e complacentes leitores da «Ave Maria».

A maxima parte delles tomam entre suas mãos a revista com as sympathias e agrados com que um bom catholico acolheria as palavras e conselhos dos revmos. Padres que a dirigem. Por isso, com toda a confiança viemos supplicar a todos aquelles que o puderem, e sobretudo com maior encarecimento, áquelles que já fôrem assignantes de outros jornaes diarios, que dêem sua assignatura á *Gazeta do Povo*, o diario

catholico proximo a sair, com a bençam, animação e firmes empenhos do exmo. e revmo. Arcebispo de S. Paulo e exmos. e revmos. Bispos de Campinas, S. Carlos, Botucatu, Ribeirão Preto e Taubaté

Os catholicos de Minas, do Paraná e do Rio de Janeiro, pela presteza com que poderão ser servidos pelas estradas de ferro ligadas ás de S. Paulo, esperamos que não terão maiores difficuldades de assignar, tendo aliás os mesmos e poderosos motivos para auxiliar esta grande obra catholica.

LUIZ DA FRANÇA BORBA

N. da R. — A assignatura do diario será de 12\$000



SÃO PAULO — Achando-me desempregado e inteiramente baldado de recursos, implorei com verdadeira confiança a valiosa intercessão da gloriosa Virgem Mãe de Deus, e como conseguisse o favor solicitado, arranjando uma modesta collocação, condigna das minhas aptidões e pr carias condições. em signal de sempiterna gratidão, faço a presente publicação, aconselhando a todas as pessoas afflictas e que se encontrem em serios embaraços, recorram com viva e profunda fé a tão bondosa, excelsa e celestial se hora, que serão promptamente attendidos.

Um devoto

BAHIA — Cumpro a promessa de publicar na *Ave Maria* a saude obtida de uma pessoa que muito prezo; vendo a sahir para mudar de ares, sahindo em uma cama carregada por 4 homens, sem esperanza de vida, eu senti-me triste por vela neste estado, recorri ao amoroso Coração de Maria da qual fui attendida. — M. S. N

ARARAS — A exma. sra d. A. S. agradece penhorada ao Coração de Maria uma graça alcançada.

JAHÚ — A exma. sra d. Francisca toma uma assignatura da *Ave Maria* por seu filho Ruy em comprimento de um voto feito, no qual foi attendida.

—D. Carlota de Barros Toledo manda celebrar uma missa em louvor ao Coração de Maria de quem recebeu uma graça.

SOROCABA — Uma devota agradece ao Immaculado Coração de Maria a decisão amigavel de um negocio importante, envia 20\$000 e sendo 5\$000 para uma missa em louvor á Nossa Senhora em suffragio das almas do purgatorio e os 15\$000 para o Santuario do Santissimo Coração de Maria.

Agradeço ao dulcissimo Coração de Maria tres graças alcançadas e envio 10\$000 para o santuario, conforme prometti. — Uma filha de Maria.

ESTAÇÃO DE TOLEDO — Tendo recebido diversas graças do Coração de Maria envio a quantia de 5\$000 para ser rezada uma missa no seu altar.

Luiz Cardoso de Moura

Felizmente não foi em vão, alcancei o que desejava Remetto 3\$000 para ser celebrada uma missa ao Coração de Maria em acção das graças.

DOIS CORRECOS — Agradeço ao dulcissimo Coração de Maria a graça de ter sido feliz no parto, e conforme prometti, envio a esprotula para ser rezada no seu altar uma missa em acção de graças e accender duas vellas. — Angelina C Azevedo

BROTAS — Vendo meu filho Lourenço gravemente enfermo, prometti ao Coração de Maria, se o visse livrar dos ataques que padecia, assignar um anno a Revista *Ave Maria* e publicar a graça. Felizmente hoje posso cumprir essa promessa.

Donaria de Souza

PIRACICABA — Pedi por meu filho uma graça ao Coração de Maria e hoje declaro na *Ave Maria* que fui attendida por tão misericordioso Coração. — Maria Joaquim Barbosa.

CAMPINAS — Uma devota envia 1\$000 para o camarim do Coração de Maria, para obter uma graça que deseja.

BRAGANÇA — D. Adolphina agradece ao Coração de Maria um favor, alcançando a saude na operação melindrosa, a saude do seu marido e filhos de uma grave enfermidade: manda publicar.

Adolphina Siqueira

Explicações necessarias

Sendo agora a preocupação dos Governos perseguirem a Santa Egreja, na pessoa de seus ministros, resolvi e espero que serão acolhidos com benevolencia pelas columnas da bella *Ave Maria*, uma serie de artigos sobre o fim tragico dos perseguidores da Egreja, pelo P. Ricard, vigario de S. Mauricio, em Besançon.

Fim tragico

dos perseguidores da Egreja desde Jesus até os nossos dias.

Nolite tangere Chistos meos.
(Ps. 104).

Todas as vezes que se vê ameaçada a Egreja no seu Chefe, o Pontifice de Roma, fazem muitas pessoas esta pergunta: «Que será do Papado?» Uns, empunhando a arma da ironia, cantam-lhe a proxima dissolução; cada manhã acordam, perguntando a si proprios se o Velho que reside no Vaticano não desceu alfim ao sepulchro com a Religião de que é guarda, e se não se diz já: «Paz ás cinzas d'um e d'outra».

Outros, aterrados com o incremento do ma que tramam, nas trevas, odiosas machinações contra o cotholicismo, appellam para uma acção immediata da Providencia que imponha silencio aos inimigos do Pontificado. Aos primeiros disse sempre a Egreja: «Não vos temo; tenho uma bigorna que tem desgastado martellos mais formidaveis que os vossos, pois possúo uma vida e descanso sobre um poder que não sois capazes de attingir,— a vida e o poder do Filho

de Deus, que me fez: — Estou contigo até a consummação dos seculos (Math. XXVIII).

— Ora, todo aquelle que briga com Deus, perece esmagado pelo seu braço omnipotente. Por isso, aquelles que não tentado fazer moza á Egreja, obra sua, teem sentido os golpes das celestes vinganças; e ás mesmas horas em que, repletos de louca soberba, clamavam: «Vencemos!» eram soterrados na sepultura que á Egreja e a seu Christo haviam cavado...

Aos que se queixam das suppostas delongas da Providencia para o bom exito das causas santas, responde ella: «Não vos contristeis, se os meus inimigos já estendem os braços de ferro para afogar e sepultar o Pontificado; que o dia do triumpho será o da queda d'elles. Não digas, portanto: «Que seria do Summo Pontifice, que aconteceria á Religião, se Roma fosse entregue a ambições criminosas, e se o Papa se visse forçado a seguir o caminho do exilio?»

GEORGINA OTTONI.

Villa Nova de Lima.

Os Conselheiros das bebidas

Quando se consulta alguém sobre o uso das bebidas, ouve-se dizer: só fazem mal aos que abusam. Os conselhos falsos são a regra e não custam nada, todo o mundo dá conselhos, porque quasi todos se julgam sabedores das coizas da vida. A vaidade, eis o que se evidencia na vida destes conselheiros dos vicios. Quem reflectir que elles dão conselhos, mas nunca se corrigem, forma logo uma idéia clara que vem do proprio cerebro e, qual raio de luz nas trevas, actúa com mais proveito, do que a voz dos conselheiros.

Os medicos que deviam dar o exemplo, como já acontece em muitas cidades europeas, são os primeiros a usarem o vinho, embora o prohibam a alguns doentes. Conheçemos um do interior do Brazil, a quem um doente consultava, quando elle almoçava:

—O que devo fazer para evitar esta inflamação dos olhos, Dr.?

Não beber alcool algum, disse o medico.

—Mas, responde elle, eu vejo que o Dr. que tambem soffre dos olhos, está bebendo vinho.

—Sim, mas eu gosto mais de receitar do que de curar.

O alcool empregado em proporção de

5 ojo na irrigação das plantas, mata-as. A *mimosa pudica* em nosso jardim perdeu as folhas, um segundo broto appareceu, depois a plantinha morreu, verificando nós o que aliás está demonstrado em muitas experiencias feitas na Europa.

Examinando-se o effeito do alcool sobre os seres rudimentares da vida organica, verificou-se que a lesma, a minhoca, morreram no fim de poucas horas com o contacto do liquido, contendo apenas 5 ojo de alcool

O exame sobre os peixes mostra que havendo 5 ojo de alcool na agua, elles ficam ebrios: depois ficam adormecidos e immoveis. Retirados para aguas puras, volta a saude, mas conservados no liquido com alcool morrem paralyzados e envenenados.

As' plantas e aos seres mais simples o alcool é um veneno: como admittir que não o seja para o homem! Na verdade o exame anatomico feito nos cadaveres dos alcoolizados mostra que o cerebro fica mais endurecido. A maior parte das molestias se aggravam pelo uso de alcoolicos e tem origem no alcoolismo. DR. D. P.

Correspondencia.

Bahia

Revm. P. Director da "Ave Maria"

Ahi lhe envio uma breve relação das missões de estes dois mezes passados, para se achar bom, publicar na "Ave Maria"

Barreiras: — A primeira missão que dei em Setembro com o P. Herranz, foi em uma capella de um povoadosinho chamado Barreiras. Embarcamos no vapor Nazareth, estando o mar ainda um pouco picado, e depois de algumas horas de viagem entramos no rio, passando logo após em 'to. Amaro do Catú onde nos esperava o vigario Conego Silvino, fazendo aqui pequena parada, embarcamos em canoa por um outro rio que com uma hora de viagem nos conduziu com felicidade a Barreiras. E' de admirar a frondosidade de esta comarca: que bonitos paineis poderia apanhar um photographo com esta excursão maritimo-fluvial! De vez em quando apparecia a nossa vista entre vegetação exuberante um grupo de casinhas que espelhadas nas aguas do rio e douradas pelo sol nascente semelhavam celeste visão, seus moradores saudavam a passagem do missionario, fazendo voar nos ares festiva e alegre girandola. Estamos no lugar da missão, entre arcos de bambús ornados com profusão de bandeiras e ao som festivo dos sinos, acompanhados das auctoridades, entramos na casa do Cap Amaro, toda ella profusamente enfeitada, como para servir de morada aos missionarios. Trocados alguns discursos de saudação, esperamos a hora de dar começo á Sta. Missão. Era a primeira que se dava nesta capella, a assistencia foi regular; no povo reinou a melhor ordem, e avultado numero de fieis purificaram suas almas nas salutarres fontes dos santos Sacramentos; varios matrimonias se arranjaram, e houve como uns 400 chrismas, a primeira communhão das creanças preparadas de

antemão pela professora foi brilhantíssima, findou a Sta Missão com o levantamento do Cruzeiro e entusiasticos discursos. Os anjos do céu recolheriam em calices de ouro as preces ferventes e lagrimas de penitencia desses felizes barreirenses e apresentados aos pés do Altissimo converteram-se, sem duvida, em chuva bemfazeja as bençãos da paz e de felicidade.

Cidade de Jequié: — Terminada a missão de Barreiras, meu incansavel companheiro o P. Herranz foi chamado pela obediencia, e veio substituí-lo o P. Leopoldo Ripa. Tratava-se de emprehender uma serie de missões á parochia de Jequié situada ao sul do estado. Começamos, pois, nossa viagem. O vapor pelo rio Jequiriçá nos conduziu em poucas horas á cidade de Nazareth: aqui fizemos noite: o dia seguinte depois de celebrar a Sta. missa embarcamos no trem e depois de um dia de viagem, atravessando a matta e cati-gões e varias povoações importantes, chegamos a Sta. Inés, onde termina a estrada, mais dois dias a cavallo e estavamos em Jequié, centro de activo commercio de cacáu, café e borracha; com a estrada de ferro que está para chegar, vai progredir muito mais. A missão foi mais concorrida do que pensavam por ter-se dividido a parochia em 3 missões; houve desde os primeiros dias de 3 a 4000 ouvintes terminando segundo calculos em dez mil: foi sensível não haver 7 ou 8 confessores, ainda assim quasi chegaram a 2.000 as commu-nhões: houve 2000 chrismas, 150 casamentos. O cathecismo das creanças foi animado, a procissão do Cruzeiro em triumpho duas bandas de musica abrilhantaram o acto, e aquella immensa multidão dirigiu-se para um monte entre vivas e cantos piedosos para erguer o symbolo do nossa Redempção.

Tem-mão: — A parochia de Jequié terá como umas 20.000 almas espalhadas pela matta e formando povoadosinhos: um destes é Tem-mão, escolhido pelo vigario conego Jacintho Sanchez para a segunda missão. Nossa viagem foi de um dia a cavallo: bonita viagem! passando sempre pela beira do importante Rio de Contas, e as vezes sob verde dosel de corpulentas arvores. Algumas destas arvores sem duvida teriam seus troncos de mais de 6 metros de largura, vêm-se lorangeiras que crescem sem cultivo e dar abundante fructo, assim como avistam-se boas plantações da arvore de cacáu. A missão aqui foi animada e original: o lugar só tem 3 casas, foi preciso por tanto improvisar mais de 100 choupanas de folhas de palmeiras, o auditorio foi de mais de 3.000 pessoas, e muitas vieram de 10 a 15 leguas longe. O povo mostrou-se religioso cantando ás 4 horas da manhã o officio de N. Sra. com constancia todos os dias, e não houve bastantes confessores para tanto povo. A despedida foi de pranto e saudades do missionario.

Monte Branco: — Tem mão está ao sul da freguezia junto ás espessas mattas onde mora ainda o indio bravo. Agora, era preciso ir para o norte da freguezia: dois dias a cavallo e nos achavamos na capella chamada Monte Branco: aqui o aspecto dos

campos é diferente, já não se vê aquella exuberancia do sul: é pura *catinga*, pequenos arvoredos e seccos espinhos: porém mais acima tem a arvore da borra-cha que é fonte de riqueza, e o clima aqui é mais saudavel que no sul do Estado, onde a gente tem côr pallida e amarellada. A missão foi pequena: não houve tanta concorrência por causa de ter-se dado missão fazia pouco em lugar visinho: com tudo ainda houve uns 25 casamentos e regular numero de confissões com 400 confirmações.

Hora é já de findar as missões de Jequié, duraram ellas um mez e o Rvmo. vigario quiz fechal-as com chave de ouro, celebrando uma solemne festa



BAHIA.—RVMO. SR. CONEGO LEONCIO GALVÃO,

presidente do Senado e um dos vultos mais em destaque da causa catholica naquelle prospero Estado.

do SSmo. Rosario na séde da freguezia.

Sta Ines: — O conego Jacyntho vigario de Jaquié foi todo amabilidade conosco: um mez que trabalhavamos juntos! um mez que juntinhos luctavamos as batalhas do Senhor! a despedida foi portanto saudosa. Entravamos já em outra freguezia, a de Arêa, pertencente ao conego Leoncio Galvão tão conhecido por seus serviços prestados a causa catholica, em seu alto emprego politico de presidente do Senado estadual. Santa Ines é uma capella de dita freguezia que, como disse, está no limite da estrada de ferro do sul. A maldita seita do protestantismo começa a fazer seus adeptos em esta comarca; o Conego tem combatido na "Tribuna de Arêa" jornal por elle formado; era com tudo necessaria a missão, pois o jornal é para os que sabem lêr, e a missão é para todos. Abriu-se a santa missão ao principio com pouca gente, mas foi augmentando até umas 4.000 pessoas: os casamentos foram 60, regular numero de confissões e umas 1.000 confirmações e inoculou-se no povo grande desprezo do protestantismo. Os actos terminaram com o levantamento do Cru-

zeiro e a bençã com o SSmo. Sacramento, fazendo o sr. Conego Galvão uma eloquente allocução. Ahi tem, Rvmo. P. Director, esta breve relação; querendo Deus, vamos emprehender novas expedições para o Rio S. Francisco e o Estado de Sergipe.

Que tudo seja á gloria de Deus.

PADRE F. M. C. M. F.

Santo Amaro

Com grande solemnidade e devoção celebrou-se nesta Parochia o mez do Rosario, tendo logar o encerramento no dia 1 de Novembro. A festa que foi modesta, mas muito concorrida, constou de missa as 8 horas da manhã com primeira Communhão dos alumnos de catecismo, e Communhão geral dos associados da confraria do Santo Rosario.

Missa cantada ás 11 horas habilmente regida pelo insigne maestro sr. Antonio Forster que como de costume executa bellissimas e sacras orações de seu vasto repertorio.

A' tarde imponente procissão admiravelmente organizada, percorreu as ruas da cidade, notando-se enorme concorrência, e profundo respeito dos que faziam parte dessa homenagem á que é chamada *Regina Sacratissimii Rosari*.

Formaram alas ao lado da Imagem da Senhora do Rosario, a Pia união das filhas de Maria, associação do Rosario, e na frente os dois Centros de catecismo com seus respectivos Estandartes.

Acampanhou a procissão, executando agradaveis e delicadas peças, a corporação musical 16 de Julho.

Ao entrar a procissão, foi cantado o *Tantum-Ergo* e pelo Rvmo. Vigario P. Affonso Chirardia dada aos fieis a bençã do S. S. Sacramento. terminando por esta forma, a festa de encerramento do mez consagrado a Nossa Senhora do Rosario.

Notas e noticias

Energias O sr. Briand, presidente ministerial da França, nada coerente com suas prégações em favor dos humildes operarios, negou-se redondamente a dar amnistia aos grevistas das estradas de ferro, pertencentes á nação. Tanto negou a amnistia que não quer readmittir os revoltosos ao serviço.

E não tem medo das terriveis bombas que poderiam lançar á sua passagem os mesmos que assustaram a França nos dias da greve, pondo explosivos a torto e direito nas estradas e no mesmo Pariz!

Elle não tem medo dos vingativos e conspiradores operarios... e tinha medo e se ralava do despeito pela influencia politica de pobres freiras, Irmãs dos Pobres, Irmãs da Caridade, que com immensa gritaria fez expulsar do paiz...

Que homens féras são esses superhomens da laia radical socialista, maçonica e anticlerical! Que sujeito duro com os pobres operarios que elle encorajava á grève nos seus dias de *propaganda* e que o elevaram com os votos electivos ao poder!

Collegio religioso Em Santos foi inaugurado no dia 3 do fluente o novo collegio para o ensino de meninas, sob a direcção das Irmãs do Coração de Maria, sendo dada a bençã ao edificio pelo Vigario da cidade, rvm. Conego Martins Ladeira, e assistindo muitas pessoas ao solemne acto.

Nossas felicitações ás familias santistas pelo novo centro de ensino são e religioso que receberão suas filhas amparadas pelo Immaculado Coração de Maria.

Reformas Os moradores desta capital occupam-se muito rasoavelmente com as grandes reformas que se impõem no centro da cidade e em diversos bairros. Attenta a pronunciada alta do café, acham possiveis os cinco ou seis mil contos necessarios ás primeiras e mais urgentes obras, tendentes a despejar do triangulo central o grandioso e temivel movimento de bonds, carroças e outros vehiculos com grave perigo dos transeuntes. Para o maior aformoseamento da *urbs* uma commissão de abastadissimos capitalistas dirigiu-se ao governo do Estado, pedindo um emprestimo de 40.000 contos, pondo elles por sua parte 160.000 contos, e demandando alguns outros favores afim de construir tres grandes avenidas: uma do largo Sta. Ephigenia ao largo do Arouche; outra do largo do Theatro Municipal á estação da Luz; e a terceira do largo Antonio Prado aos Campos Elyseos. A primeira começaria no fim do viaducto, já proximo a construir-se entre os largos Sta. Ephigenia e S. Bento, e continuaria desde o largo do Arouche pela rua Jaguaribe, abeirando-se do Santuario do Coração de Maria e ligando-se com a Avenida Hygienopolis. Os empresarios querem impetrar a desapropriação forçosa de tres faixas de terreno numa largura de 80 metros para construir nos lados grandes predios, conforme a planta de uma architectura mais artistica e magestosa. Confiam elles tambem na manutenção do preço rendoso do café, devido em boa parte ás medidas de valorisação postas em pratica pelo governo do Estado, a pedido dos agricultores.

Sobre a mesa *Collação de grau á sexta turma de bachareis*, folheto que nos dedica o Lyceu Sallesiano de Artes e Officios S. Gonçalo, equiparado ao Gymnasio d. Pedro II, em Cuyabá. Brilhantes discursos de despedida do bacharel Fenelon Müller e do paranympo da turma rvm. Padre dr. F. de Aquino Correa, da Pia Associação Sallesiana,
—*Allegações Finaes*, offerecidas pela Au-

tora, (Fabrica da Matriz de Dous Corregos) por seu advogado, dr. Galdino Siqueira, contra a Ré (Camara Municipal) por acção movida pelo rymo. Vigario, P.^o Xavier Costabile, reivindicando para a egreja parochial o cemiterio proximo que a Camara Municipal, sem cerimonia e sem formalidade, ia occupar e dispôr, como de cousa sua, para o alargamento de uma rua. Não tendo felizmente chegado os governos do paiz ao periodo algido das violencias contra a Egreja, é ainda tempo de achar justiça nas reclamações das fabricas e das irmandades contra os muitos esbulhos tentados por diversas entidades contra os direitos da propriedade mais sagrada que é a da mesma Egreja.

O nosso prestante amigo, dr. **A sair** José Julio de Freitas Coutinho, Juiz municipal do termo de Uberaba, vai publicar um novo livro: *Codigo Penal e o Jury ou Guia dos Juizes de Facto*, livro que será de summa utilidade aos srs. juizes, advogados, autoridades e funcionarios policiaes, escrivães e jurados. Para aquisição desse *Guia* poderão dirigir-se aos editores C. Manderbach e Comp., rua S. Bento 31, nesta capital. O preço é 5\$000.

O excmo. sr. d. Eduardo Duarte da Silva, bispo de Uberaba, foi a Bello Horizonte para visitar o novo presidente de Minas, excmo. sr. Julio Bueno Brandão, sendo recebido na estação pelas pessoas mais gradas da capital mineira, fazendose representar o presidente pelo ajudante de ordens da Presidencia e assistindo o official do gabinete, dr. Julio Brandão Filho, os drs. Delfim Moreira e Arthur Bernardes, secretarios do interior e das finanças; dr. José Gonçalves, secretario da Agricultura; dr. Americo Lopes, chefe de policia; dr. Olintho Meirelles, prefeito da capital; mons. João Martinho e Padre Thiago, vigarios das duas parochias, e muitas outras pessoas da alta sociedade mineira. Sua excia. ryma., visitando o excmo. sr. presidente, esteve em amistososa palestra durante algum tempo. O sr. presidente no mesmo dia foi em casa de Mons. Martinho retribuir a visita do excmo. sr. Bispo de Uberaba. Muito nos congratulamos com os catholicos de Minas pelos bons augurios que offerece o seu novo governo, em suas relações com a Egreja.

Documentos A *Revista Catholica* de Vizeu, Portugal, dirigida com tanta proficiencia pelo nosso illustre amigo, conego Miguel Ferreira de Almeida, teve a boa idéa de publicar dous importantes documentos de S. S. Leão XIII, a proposito dos

luctuosos acontecimentos de seu paiz. Para illustrar os catholicos na estimação que devem ter das ordens religiosas, inseriu a carta de Leão XIII dirigida aos superiores das Congregações em 1901, quando começaram as persguições sanhudas dos radicaes francezes, embasbacados com os discursos de Waldeck-Rousseau, o qual tinha ao proprio tempo a faca e o queijo, como dizem, pois era presidente dos ministros e falava com autoridade muito efficaz.

O governo de Portugal, por sua conta e sem consultar o povo, ao menos por meio do Congresso, promulgou um decreto, com força de lei, concedendo o divorcio do vinculo aos casados que o desejarem, e permittindo passar a novas nupcias. Como protesto a esse sacrilego attentado *burocratico* contra a santidade do casamento, a *Revista Catholica* publicou a encyclica de Leão XIII *Arcanum*, em que defende a origem divina do sacramento do matrimonio.

Notemos de passagem que o dr. Miguel Ferreira, querendo facilitar aos catholicos que usam a lingua portugueza, o conhecimento aprofundado de nossa religião, traduziu do latim e publicou a grande obra de Tanquerey, em sete volumes: *Compendio de Theologia Dogmatica Fundamental e Especial*.

Vida catholica O Exmo. Sr. D. João Becker, digno Bispo de Florianopolis, dirigiu um telegramma ao Dr. Thiago da Fonseca incumbindo-o de, em seu nome, comprimmentar aos srs. senadores e deputados que fizeram manter integraes as garantias constitucionaes, que se procuram anniquillar com a prohibição do desembarque dos Padres vindos de Portugal.

Os catholicos em Santa Catharina acham-se regularmente organizados, por isso que não lhes enerva a acção e desintelligencia na direcção.

Ainda ultimamente, em fins do mez passado, tendo sido espalhado em Florianopolis um boletim anonymo cheio de injurias ao clero a proposito dos acontecimentos de Portugal, as associações de homens e senhoras publicaram immediatamente pela imprensa os seus vehementes protestos, entre os quaes salientaram-se os da Sociedade S. Vicente de Paulo, Circulo Catholico, Apostolado da Oração, Senhoras da Caridade e Filhas de Maria.

No Itajahy 77 senhoras catholicas publicaram um protesto, declarando que não deixariam entrar em suas casas o periodico local, *O Pharol*, por ter esta folha publicado noticias injuriosas sobre as freiras portuguezas.

Os assassinatos da imprensa.

(CONTINUAÇÃO).

Tem o jornal livre transito da capital á provincia, da cidade á aldeia, d'um povo a outro povo, da velha Europa á jovem America. Sulca todos os mares, penetra em todos os continentes, visita todas as raças, e em todas as partes semeia a morte e a ruina.

Mas volte-mos á nossa historia, que nos vai fazer vêr, d'um modo palpavel, os damnos e perniciosos effeitos causados pelo mau jornal.

Necessita-se de um titulo para vender arsenico; mas o estudante de medicina que ficou reprovado nos exames, pode distribuir arsenico moral num jornal; e se não se atreve a assignar o seu proprio nome, pode occultar-se num pseudonymo.

E são estes os guias do mundo! Que vergonha!

Muitos, que não crêm no Evangelho, fazem actos de fé deante das baboseiras que escorrem da penna de um jornalista.

E o jornalista pôde escrever o que quiser!....

O mais reles pharmaceutico, o mais insignificante droguista está sujeito á visita do subdelegado de saude, ainda que a sua ignorancia ou negligencia só comprometta um pequeno numero de existencias. E o homem que pode dar a morte a milhares de corações com seus escriptos, goza de plena liberdade! E' pasmoso! E o jornal apenas impresso, circula por toda a parte. Agora é o carteiro que o leva aos domicilios, o vendedor que o annuncia, voz em grita, pelas ruas. Caminha apressadamente, mettendo a folha por debaixo da porta do freguez. No caminho encontra fidalgos, operarios, senhoras, creadas que lhe saem ao encontro com uma moeda de dez réis na mão, e voltam para casa, de cabeça inclinada e a vista fixa na folha impressa, bebendo o veneno da incredulidade, da immoralidade e

do odio á religião e a tudo o que é santo. Ha fiscalisação para o vinho, para o azeite, para a carne, para os objectos de consumo, mais necessarios á vida; só para os jornaes não ha fiscalisação de especie alguma, não ha guarda fiscal.

Começou Miguel a recolherse mais tarde do que o costume, e, ao chegar a casa, sem fazer caso das caricias do filhinho, e das ternuras da mulher, retirava-se ao quarto, onde passava longas horas a lêr uns papeis impressos, que comprára na rua. Os dias festivos tão alegres, tão risonhos, tão vem passados em casa, converteram-se em dias de solidão e lagrimas, porque Miguel já não ia a missa, negava-se a ir a passeio com a mulher, desculpando-se com assumptos urgentes que consistiam só em ir ao club socialista. onde passava a tarde e grande parte da noite, jogando ou lendo maus jornaes. Ali desbaratava o salario da semana, vendo-se Mathilde obrigada a comprar fiado, a empenhar roupas, e os vestidos, começando d'este modo a sentir-se a miseria onde sempre tinha havido o necessario com fartura

No entretanto, Mathilde calava, chorava muito e orava muito mais, porque a oração é sempre o refugio da alma crente e atribulada. Um dia porém em que lhe pareceu que seu marido estava de bom humor, perguntou-lhe com doçura:



— Miguel, dize-me: porque é que d'ha tempos para cá me trataes sempre com modos tão desabridos? Não sei o que noto em ti desde que lês esses malditos jornaes.

Com permissão da Autoridade ecclesiastica.

Typ. do Immac. Coração de Maria.